



# Parceiros das Missões

Brasília - Dezembro 2014 - Ano III - N° 31

## FELIZ NATAL E FRUTUOSO 2015

Em Jesus Menino, nascido pobre e simples, renasce a esperança de vida nova. Ele quer ser próximo de todos e necessita ser acolhido. Veio para ser sinal de superação de todas as maldades e injustiças. Que a alegria transmitida aos pastores seja também a nossa alegria.

Neste Natal, participemos e nos alegremos juntos. A Equipe das POM está em comunhão com todos.

Feliz Natal e abençoado 2015



### Em Cuba, a dificuldade de evangelizar

A criatividade aflora na hora de evangelizar. Como há poucas igrejas, a solução é celebrar missas em casas de família (foto ao lado)



### Missionário Pe. Célo atolado em Guiné Bissau



### Pra começo de conversa

Que todos os missionários e missionárias em terras estrangeiras ou na grande Amazônia, ao cantarem os hinos natalinos junto às suas comunidades, sintam-se irmanados pela beleza da solidariedade humana e evangélica. Nós cristãos que cremos no seu trabalho, na sua doação e generosidade, dando uma parcela de suas vidas em prol de outros irmãos, desejamos que as recordações natalinas encorajem seus passos e iluminem suas vidas. Vocês não estão sós. Aqui pelo imenso Brasil, milhares de vezes se unem a vocês numa prece constante para que o Cristo motivador que renasce numa humilde manjedoura, aplaine seus caminhos, anime-os nas dificuldades e cantem as vitórias do dia a dia. O editor.

## BRASIL

Bom dia e obrigado por receber o jornal Parceiros das Missões. É muito interessante. Agradeço imensamente. Mas no futuro, gostaria de continuar a receber o jornal Parceiros das Missões com mudanças de endereço. No fim do ano, nós fecharemos nossa comunidade de Coquelândia onde tem este e-mail. Vamos partir para outra missão... Este é o novo e-mail de nossa missão: imccruzeiro@ig.com.br e também meu e-mail: fouquet@ig.com.br

Agradeço sua atenção e em comunhão de oração  
Irm. Jean Marie, irmão missionário.

## CAMARÕES

Que alegria receber notícias de todos esses missionários corajosos. Que continuem respondendo ao chamado de Jesus para seguir na missão de evangelização. Agradeço pela oportunidade de ler as belas notícias e de poder acompanhar com as minhas orações.

Irm. Tania Regina;

Op. Missionária nos Camarões

## GUINÉ BISSAU

Muito obrigado pelo jornal Parceiros das Missões. Vivemos o mês de outubro com muita intensidade e fervor na nossa paróquia. Momentos de oração, celebração e encontros sobre o tema... Muita participação e envolvimento de todos que culminou com grande ofertório para levar adiante a missão de evangelizar... Um abraço fraterno...

P. Lídio.

## BRASIL

Seu jornal está fazendo sucesso. Verdaderamente é maravilhoso. A Irm. Rosa Clara ficou encantada com tantas maravilhosas notícias. Pediu por favor, para que enviasse diretamente para ela, pois, trabalha na Revista Missões e achou algo muito interessante. O e-mail dela é: [rosaamv@yahoo.com.br](mailto:rosaamv@yahoo.com.br)

Mande por favor. Desde já agradecido pelo seu lindo gesto juntamente com sua esposa e família.

Saudações calorosas.

## Carta do 3º Congresso Missionário Regional Oeste 1 Três Lagoas/MS, 23 de novembro de 2014.

As sete dioceses do Estado de Mato Grosso do Sul, reunidas na cidade de Três Lagoas, por ocasião do 3º Congresso Missionário Regional Oeste 1, CNBB, de 20 a 23 de novembro de 2014, por seus representantes, bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos e religiosas, consagrados e leigos apresenta, em comunhão com os destaques aprovados em Assembleia Regional, ocorrida dias 19 e 20 de outubro, em Campo Grande, os compromissos assumidos pela Igreja do Mato Grosso do Sul, a partir da conversão pessoal, pastoral e missionária:

1) Setorização como caminho de animação missionária, indo ao encontro dos afastados e formando pequenas comunidades.

2) Missionariedade como ponto transversal que anima todas as pastorais, movimentos e serviços, despertando para a missão Ad gentes.

3) Solidariedade como ação concreta e testemunho da caridade evangélica nas nossas comunidades, em que as pastorais sociais atendam as periferias existenciais, em especial os povos indígenas e os migrantes.

4) Efetivação de uma pastoral de conjunto na paróquia e na diocese (Cf. Doc. 100, 296, da CNBB).

Para efetivar tais compromissos, conclamamos valorizar, como organismos de decisão e dinamização da ação missionária, as seguintes instâncias diocesanas e paroquiais: Assembleias, Conselhos de Pastoral e Conselhos Econômicos.

Considerando que a missionariedade permeia toda a vida da Igreja, é necessário que a missão aconteça de forma programática, enfatizando o mês missionário, semanas e congressos missionários. Na condição de missionariedade permanente, que cada pastoral e movimento assumam a sua natureza missionária de modo criativo. Diante disso, que todos os setores da Igreja sejam instruídos, com capacitação e formação missionária, tendo a paróquia como primeira motivadora.

Com o intuito de tornar o regional Oeste 1 missionário, queremos enfrentar o desafio de: Seguindo os passos de Jesus, grande missionário do Pai, que diz: "Como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20), com a intercessão de Nossa Senhora do Pantanal.

A Igreja envia-nos em missão.



SGAN 905 - 70790-050 Brasília - DF

Fone 61- 3340.4494

E-mail: [parceirosdasmissoes@pom.org.br](mailto:parceirosdasmissoes@pom.org.br)

Jornal Digital das Pontifícias Obras Missionárias do Brasil  
Brasília - Dezembro de 2014 - Ano III - N° 31

Diretor: Pe. Camilo Pauletti

Edição: Jorn. Camilo Simon ( Reg. Prof. n. 3248)

## Europa tem encontro de missionários brasileiros

O Santuário de Shöenstatt em Vallandar, na Alemanha acolheu, nos dias 10 a 13 de novembro, 35 missionários originários de 14 estados do Brasil e que estão atuando em seis países da Europa, para o 2º Encontro dos Missionários Brasileiros que trabalham naquele continente. Boa parte deles trabalha na Pastoral dos Migrantes, principalmente entre os de língua portuguesa.

Dom Alessandro Rufinoni, coordenador da Pastoral dos Brasileiros no Exterior (PBE), vinculada à CNBB e padre Camilo Pauletti, diretor das Pontifícias Obras Missionárias (POM) do Brasil, viajaram à Alemanha para o evento.

A iniciativa é uma oportunidade para fortalecer o espírito de cada um, partilhar as atividades, refletir formas de melhorar na pastoral com os migrantes, celebrar e buscar forças e unidade nos trabalhos.

Entre outras atividades, a programação incluiu três momentos fortes de reflexão. Dom Alessandro apresentou a transformação missionária da Igreja à luz da Exortação Apostólica A Alegria do Evangelho, do papa Francisco; padre Tobias Kebler fez sua colocação sobre a importância da comunhão e integração com a Igreja local; e padre Camilo refletiu sobre o trabalho das POM no Brasil e no mundo destacando a importância da missão ad gentes.

A metodologia utilizada contemplou trabalho de grupos, plenários e complementações. Foi uma riqueza grande, pois nessas partilhas foram revelados os trabalhos concretos dos missionários envolvidos.

Rafaela Ramos da Silva, originária de Jarú (RO), e que há 4 anos atua na capelania brasileira em Londres como acólita, formando coroinhas e ajudando num grupo da Infância e Adolescência Missionária (IAM), partilhou sobre a sua missão na Inglaterra. “É um trabalho gratificante, mas também difícil, pelas limitações de espaço e tempo. Sinto orgulho de ver as crianças de 5 a 13 anos dedicadas, com muito zelo pela Igreja e as coisas de Deus”.

A religiosa Scalabriniana, Janete Ribeiro dos Santos, natural de Imperatriz (MA) trabalha com migrantes brasileiros, em Bruxelas na Bélgica. “Sinto-me feliz e privilegiada por Deus em poder na minha pequenez ser instrumento no meio dos migrantes, ajudando-os em terras estrangeiras para que não percam a fé, a intimidade com Deus e para que conservem seus valores e identidade”. Segundo a missionária, o trabalho é difícil, mas ela encontra muito apoio. “Os desafios são muitos, pois



Participantes do encontro

cada um vem de uma região diferente do Brasil, mas com esforço nos ajudamos. Dizia a Beata Madre Assunta Marchetti, recentemente beatificada na catedral da Sé em São Paulo: ‘Sem sacrifício não se pode servir a Deus’ -concluiu.

Dentre os missionários brasileiros estão padres diocesanos, scalabrinianos, religiosas, leigas e leigos voluntários. O encontro proporcionou aos participantes a oportunidade de conhecer Colônia, cidade de grande importância na Alemanha e que mostra a boa organização do povo alemão.

“Creio que tem muito valor conhecer nossos missionários que atuam na Europa, perceber seus esforços para ajudar os migrantes, inclusive muitos clandestinos, na pastoral inserida de cada realidade, na catequese, nos desafios com a língua e todas as demais situações que os estrangeiros vivem em terras estrangeiras. Bendigamos a Deus pelos esforços dos missionários em servirem com alegria justamente onde as necessidades e os desafios são mais fortes”, afirmou padre Camilo Pauletti ao falar sobre a reunião.

Na avaliação, além dos agradecimentos pela participação de todos, o grupo assumiu continuar com a realização destes encontros, pois fazem bem a todos. Nesse sentido, foi marcado para os dias 9 a 12 de novembro de 2015, o 3º Encontro dos Missionários Brasileiros na Europa, em Roma, Itália.



## A criatividade dos missionários em Cuba

Um sonho que se transformou em realidade. Esta é a história de frei Basílio de Brito Neto, cearense, de Granja. Desde pequeno manifestou o desejo de ser missionário e uma vez convidado para ir trabalhar em Cuba, o frei não pestanejou e logo apresentou-se livremente junto aos seus superiores.

Quando era pequeno, a família mudou-se do Ceará para o Maranhão no interior de uma paróquia dos padres capuchinhos. Uma vez por ano, havia uma missa em sua localidade. O pároco capuchinho foi seu primeiro exemplo de dedicação e de vocação. De família católica, frei Basílio ficava impressionado com o trabalho evangélico de seu pai que liderava os cultos dominicais. A convite de um amigo, participou, com 18 anos, de um encontro vocacional. Depois de quatro anos decidiu entrar na vida religiosa e seguir seus mestres.



A casa transformada em capela

Sua experiência de vida pastoral foi muito importante para um posterior trabalho em Cuba. Como seminarista, frequentou o postulante no Maranhão. Depois foi para Macapá, fazer o noviciado. Estudou teologia em Belém e ali fazia um trabalho pastoral muito sacrificado que era o de atuar com os leprosos. Conta ele, que havia muita restrição ao trabalho e poucas pessoas se aventuravam a contatar com os leprosos com medo da transmissão da doença. Ali sentiu de perto o que é a dor e o sofrimento de pessoas que contraíram lepra e vivenciou sua dedicação e trabalho junto a eles.

A vontade de ser missionário no exterior levou frei Basílio a oferecer-se para trabalhar em Cuba e ser aceito pelo seu superior. Este desejo foi realizado após cursos na Espanha. Finalmente chegou a Cuba onde permaneceu como estagiário em Havana e Santa Clara, para definitivamente instalar-se na cidade de Manzanillo.

A adaptação foi fácil, pois o povo cubano é muito humano e sensível, muito parecido com os nordestinos. Sua comunidade religiosa atende a cidade e algumas capelas do interior. Hoje são sete comunidades muito heterogêneas e distintas da vida religiosa do nosso país. Conta Frei Basílio que as realidades são bem diferentes e a pastoral sofre limitações. Sempre há necessidade de adaptar-se a estas limitações e por isso a criatividade ajuda

na pastoral paroquial. Como há proibição de construção de novos templos, estão sendo aproveitados templos que foram tomados pela Revolução Comunista, há mais de 50 anos, e agora alguns estão sendo devolvidos. Em Manzanillo, tem a capela São Tarcísio, na periferia, que depois de requisitada pelo governo, transformou-se em escola por mais de 50 anos, e agora foi



Frei Basílio preparando cuscuz com produtos do Brasil

devolvida, praticamente em ruínas. Há necessidade de grandes reformas e a Igreja não possui recursos para tanto. Na capela são rezadas missas mesmo que esteja em estado lastimável. Outra capela devolvida foi a de um asilo de anciãos que pertencia a religiosas. Depois de serem expulsas, a capela passou a ser uma sala de jogos e hoje foi devolvida para a Igreja, sem as janelas e sem as imagens. As que restaram, foram danificadas.

A pastoral é criativa. Como não há possibilidade de construir novas capelas, a paróquia adquire uma casa em uma determinada vila e a transforma em capela. Em Manzanillo, há casas que hoje são capelas em meio ao povo. Também são rezadas missas em casas de famílias, onde as pessoas se reúnem em oração. São as chamadas casas de missão. São comunidades de base que surgem para reavivar a fé dos cubanos.

Na paróquia, frei Basílio atua em grupos de jovens, coral, refeições para os pobres, visita a doentes e nos demais trabalhos paroquiais, procurando amenizar o sofrimento de um povo ávido por Deus semeando a esperança de dias melhores para o país.

Ao final faz um convite a todos os missionários que desejarem trabalhar em Cuba, sejam religiosos, religiosas ou leigos que deixem de lado o comodismo e o conforto e venham somar forças na Igreja de Cuba, que necessita, com urgência de pessoas devotadas pela causa do Reino de Cristo.



A capela S. Tarcísio devolvida pelo governo

## Faleceu ex-diretor das POM Brasil

Faleceu no último dia 15 de novembro, em Parma (Itália), o missionário Xaveriano, padre João Carlos Coruzzi, que foi por cinco anos, diretor das Pontifícias Obras Missionárias (POM) no Brasil e secretário executivo do Centro Cultural Missionário (CCM). Italiano de Parma, padre Coruzzi trabalhou durante 32 anos no Brasil e outros sete em Moçambique na África.

O missionário nasceu no dia 1º de abril de 1931 em Pedrignano - Cortile São Martino (Parma). Em 1958 entrou no Instituto Xaveriano e em 1962 fez a sua primeira profissão religiosa sendo ordenado sacerdote em 1967, em Parma. No ano seguinte chegava ao Brasil para dedicar sua vida à missão que viveu com muita intensidade.

Entre os anos de 1969 e 1972 foi reitor na casa de formação de Vila Diadema, em São Paulo, onde fundou a Obra social São Francisco Xavier. De 1972 a 1978 foi Superior Regional dos missionários Xaverianos do sul do Brasil. De 1978 a 1982 coordenou o Conselho Missionário Regional (Comire) Sul 1 (São Paulo).



Padre Giancarlo Coruzzi com amigos religiosos

Padre João Carlos voltou ao trabalho de formação missionária no noviciado da congregação (1989-1998) e no seminário teológico de Curitiba (1998-2000). No ano 2000 realizou seu antigo sonho de ser missionário na África. Foram sete anos de muita doação na paróquia de Dondo em Moçambique. Ali o surpreendeu a doença que o acompanhou em seus últimos anos de vida na Itália onde acaba de falecer.

Lúcia Moreira trabalhou com o padre Carlos Coruzzi durante cinco anos, nas POM em Brasília. (Na foto, a equipe da época com padre Coruzzi, no escritório que funcionava na casa adquirida das Irmãs Dominicanas, terreno onde mais tarde seria construída a sede atual das POM). “Ele foi uma pessoa especial no sentido da humanidade e interioridade. Expressava isso na vida em missão, que era de cuidar das pessoas”, testemunha Lúcia Moreira (na foto ao telefone). “O ser missionário do padre Carlos, para mim, é uma extensão da missão além-fronteiras, a partir do que ele testemunhava com sua vida de simplicidade, doação e respeito à pessoa humana. Pessoalmente ele me despertou para o que é viver e ser humano”, complementa Lúcia. Ela observa ainda, que foi a sua audácia que o levou a comprar o terreno onde hoje funciona a ampla sede das POM. “Isso revela uma visão de futuro para melhor servir a missão no Brasil”.



No dia 3 de dezembro de 1983 foi nomeado diretor nacional das Pontifícias Obras Missionárias e secretário executivo do Centro Cultural Missionário, função que exerceu até julho de 1988. Ao deixar Brasília, numa carta agradeceu a Deus e a “todos os que de uma forma ou de outra, no decorrer deste quinquênio nos ajudaram valiosamente na tarefa de despertar e incentivar o espírito missionário em nossa Igreja. Um agradecimento especial aos senhores bispos pela atenção e pelo carinho que dedicaram para as Missões”. Na mensagem acolheu o padre João Panazzolo, da diocese de Caxias do Sul (RS), que o sucedeu na direção das POM.

## Neusarina, do Chade para o México

A trajetória de uma missionária é feita de desafios, de dificuldades e de muita fé no Cristo. Isto tem acontecido com milhares de religiosas, que sempre estão dispostas a assumir uma missão em qualquer parte do mundo. É o caso da Ir. Neusarina Furtado, xaveriana e paraense de Barcarena. Desde os 11 anos, Neusarina foi atraída pela vida religiosa e a opção feita foi para a congregação das Missionárias de Maria - xaverianas. Com 22 anos entrou para o noviciado, indo, posteriormente, para Parma na Itália para preparar-se para a vida missionária.

“Minha vida mudou radicalmente quando recebi a missão de partir para o Chade, um país africano que é um dos mais pobres do planeta. Lá fiquei de 1997 a 2002, em Berem. Tive que fazer uma imensa reciclagem em minha vida, pois a comunidade das irmãs vive na extrema simplicidade, onde não há luz elétrica nem água encanada. Meu trabalho era com mulheres analfabetas. Com o método da oralidade, conseguimos alfabetizar muitas mulheres. Elas foram evangelizadas decorando os evangelhos que posteriormente eram transmitidos para os filhos que fariam a primeira comunhão. Tive que aprender a língua Mussei, uma das 110 línguas praticadas no Chade, além da língua oficial que é a francesa”.

Não foi fácil a adaptação de Ir. Neusarina no Chade. Foi um encontro com uma cultura totalmente diferente da ocidental onde praticam-se valores seculares e o respeito à natureza. A maioria da população é animista e é grande o número de muçulmanos. “É difícil explicar para a população, por exemplo a Santíssima Trindade ou o papel do Espírito Santo. Como impera a poligamia, surgem muitos problemas de convivência com os cristãos casados e que são obrigados pela tradição a aceitar novas esposas dentro de um lar. Daí surgem muitos conflitos nas famílias”.

A missionária conviveu com um clima extremamente quente e seco e com doenças como a malária. “Ali a gente tem que se habituar com a solidão do mundo e ali aprende-se a valorizar o outro. É a população que dá o nome para a missionária de acordo com suas aptidões e características. Outro desafio grande é acostumar-se com a alimentação que é feita à base de milho, de peixe e de carne”. Conta Ir. Neusarina que estranhou muito quando as religiosas da comunidade foram até Camarões, país vizinho, e ali compraram um saco muito grande de pão. Depois viu que as irmãs cortaram o pão em pedaços, ensacaram-nos e guardaram no refrigerador. O pão durou seis meses.

A comunidade é sustentada pelos xaverianos, pelos benfeitores, principalmente italianos, e pela própria diocese. No Chade, já passaram cerca de 16 irmãs xaverianas brasileiras e atualmente ainda estão em atividade cerca de sete religiosas.

### Novo desafio

Depois de seis anos no Chade, Ir. Neusarina voltou ao Brasil para recuperar-se de problemas de saúde, abalada por várias malárias. O clima do Pará foi benéfico para a saúde da religiosa. Já recuperada, partiu para a Itália, na sede provincial e ali permaneceu por três anos. Agora, nova missão a espera: o México, na cidade de Guadalajara. A religiosa partirá do Brasil no próximo dia 23 de dezembro, para trabalhar na animação missionária e a serviço do povo indígena. Seu maior desejo é continuar a evangelizar, dando a conhecer o Mestre Jesus a todos os que o desconhecem. “Vamos falar em Jesus e sua doutrina, levando amor aos mais desamparados pela vida e os excluídos que são os pobres e os indígenas mexicanos. Minha alegria e felicidade é fazer conhecer Jesus e sua beleza encantadora. por isso, aceitei esta nova missão, sabendo que fazemos parte de uma grande família, a nossa Igreja”.



Ir. Neusarina  
com mãe e filho



A localidade de Berem

## O testemunho de Ir. Carmelita Zanella na Angola, depois de 23 anos de África

“Estou novamente em Cabinda, província mais ao norte de Angola. Digo novamente pois cheguei à Cabinda em setembro de 1991 onde permaneci até 1997 na estação missionária de Subantando que comportava cinco centros com quatro ou cinco comunidades cada um. Foi um tempo de graça e fortalecimento do espírito missionário mesmo que as condições fossem difíceis pois o país estava em guerra. Foi um tempo que, com certeza, aprendi muito mais do evangelho do que ensinei. Depois, em 2004, por diversas razões, nossa comunidade missionária veio morar no bairro desta cidade.

Em nossa comunidade somos quatro irmãs e quatro jovens (duas aspirantes e duas postulantes). As Irmãs Solange, Ivonete e eu trabalhamos em escolas públicas e Ir. Terezinha Rinaldi também colocada na escola, mas conseguiu uma licença para trabalhar com meninas adolescentes e jovens nas comunidades do interior onde vive. A quarta irmã, Catarina Machado chegou em julho e tem 79 anos. Mas é de um espírito missionário muito grande. Já vivera em Angola de 1989 a 2002 quando regressou ao Brasil e agora marca novamente presença. Participamos nos trabalhos pastorais de uma quase paróquia “Santos Mártires” onde atuamos na catequese, liturgia, Pastoral das migrações entre outras atividades.

Como franciscanas procuramos ser presença de Paz e de Bem entre as pessoas e a criação toda, buscando a vivência da irmandade universal. De uns anos para cá tem progredido muito um problema de visão (retinose) que tenho e isto fez com que eu precisasse diminuir minhas atividades e reaprender muitas coisas, como por exemplo o uso do computador com leitor de telas pois já não consigo ler normalmente. Apesar de ter algumas dificuldades minha baixa visão não impede de continuar servindo o Evangelho mesmo que de forma diferente do que fazia anos atrás quando conseguia conduzir e ir sem dificuldades em muitos lugares. É um aprendizado grande onde a gente compreende melhor a impermanência da vida e a imensa bondade de Deus manifestada nos gestos contínuos de solidariedade e ajuda. Ser missionária é ser apaixonada pelo ser humano e pela vida. É ser aprendente da Divina Fonte da Vida presente nas culturas. Missão é um movimento de mão dupla. Na partilha do Evangelho somos também evangelizadas. A Boa Nova nos é apresentada todos os dias em tantos gestos e bondade, fé, partilha e resistência do povo principalmente das mulheres.

Teria dificuldades de escolher se fosse para contar exemplos. Nestes 23 anos de África fui agraciada por aprendizados do povo. Diariamente me deparo com fatos que me emocionam, como o de minha aluna da segunda classe, órfã de mãe e abandonada pelo pai que no final da aula se apro-

xima e diz com tamanha sinceridade e inocência: “Professora não se preocupa, quando eu crescer vou trabalhar bastante para levar a professora num médico e curar seus olhos!”. Quem não se deixaria tocar por tal solidariedade? É essa vivência do cotidiano no meio do povo que fortifica minha fé no Deus da Vida. As experiências do tempo de guerra fortaleceram em mim a fé no Deus providente, protetor e defensor, no Deus do êxodo que caminha com seu povo. Neste sentido não foi eu quem escolheu ser missionária, mas Deus apesar de minhas limitações e fragilidades me enviou (ex. 3,7ss). Senti-me tocada, chamada e na verdade, África foi sempre minha paixão desde adolescência. O processo da interculturalidade na missão é indispensável, mas é um processo lento e gradual. Hoje já me sinto parte em muitos aspectos desta cultura. Em relação a esses aspectos, o tempo que permanecemos nela só fortifica a convicção de que pouco conhecemos e compreendemos dela, mesmo que vamos assimilando a sua cosmovisão sem perceber. Estando em missão além-fronteiras, a gente passa por várias fases e a experiência é pessoal, diferenciada para cada missionária/o embora possa ter alguma semelhança. Não senti dificuldades com saudades. As tive claro, mas o envolvimento nas comunidades e sofrimento do povo não permitiam que

eu as curtisse muito tempo. No início, a falta de comunicação (Só falei com minha família depois de um ano) pesou um pouco porém hoje sinto que isto e a falta às vezes até do necessário, dava resistência e alimentava o espírito missionário. Hoje as condições são muito melhores e as vezes não tenho mais tanta coragem. Em maio de 2009 celebrei meus 25 anos de vida religiosa na comunidade onde nasci: Alto Rio Azul, município de Rio do Campo (SC). Foi uma experiência bonita pois foi lá na comunidade de minha infância que nasceu minha vocação missionária. Acredito que as comunidades são o berço das vocações missionárias. A participação na reza do terço, dos encontros, das celebrações e a contemplação das mulheres simples do povo que eram catequistas me fascinavam e me faziam pensar “Quero ser como elas”. Penso ser divino essa partilha de fé entre as comunidades de culturas diferentes. Por exemplo, a Irmã Catarina Machado referida acima, nos seus primeiros anos de missão aqui em Cabinda trabalhou numa comunidade e deu catequese a um adolescente que no próximo domingo celebrará sua primeira missa. Certamente não por acaso, este adolescente, Padre Alfonso Barros Púcuta, espiritano, vai no próximo ano para o interior de Amazonas - Brasil. Isto por si só já é boa notícia, evangelização! Que possamos todos/as fortalecer nosso coração missionário e onde estivermos ser presença de vida e esperança para os povos e toda a criação!”



## Em Cuba, um povo sedento de Deus

A pernambucana Ir. Luziânia de Carvalho, (foto ao centro) da congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, não hesitou quando foi convidada a trabalhar pelo Reino em Cuba. Deixando de lado, toda a propaganda contra este país, onde reina o comunismo, Ir. Luziânia deixou o seu Brasil e com alegria aceitou o desafio de trabalhar junto aos irmãos cubanos. “Foi somente isso o que me motivou. Onde há necessidade de evangelização, lá estou com alegria e Cuba foi o lugar que Deus escolheu para mim”.

Vinda de uma família católica de Jabotão (PE), a religiosa foi criada num ambiente cristão. Aos 13 anos, começou a frequentar os encontros vocacionais e aos 18 anos já era postulante. A congregação escolhida foi das vicentinas pois possui um carisma especial que é a dedicação aos enfermos, aos mais abandonados. “Aqui em Cuba, este carisma é experimentado a todo momento. Agora mesmo acabamos de visitar um idoso que vive só. Atrasamos nosso encontro porque o carro atolou no interior da cidade”- explicou a religiosa.

A trajetória missionária de Ir. Luziânia começa quando foi convidada a preparar-se para ser missionária em Cuba. Primeiro foi a Paris, na sede da congregação, para aprofundar o carisma missionário da congregação e a partir daí, realizou o curso do CCM em Brasília. Em 2010 chegou a Cuba. Depois de três meses em Havana, para conhecer a realidade do país foi trabalhar em Baracoa, Guantanamo, junto a uma paróquia, visitando doentes em hospitais e trabalhando com as mulheres de terceira idade. Depois foi nomeada para Madruga, uma cidade interiorana distante em torno de 60 km de Havana onde atua até os dias de hoje.

A vida da Ir. Luziânia é dedicada ao trabalho pastoral na comunidade onde um só padre atende três paróquias, pois a falta de sacerdotes é muito grande. “Aqui vive-se ainda uma Igreja adormecida que foi sendo perseguida pela Revolução Cubana, mas a fé católica ainda não extinguiu-se e precisamos muito de agentes de pastoral que novamente suscitem na população as verdades evangélicas. Sinto que em cada família ainda há restos de cristianismo, pois a devoção à Virgem de la Caridad Del Cobre ultrapassa as fronteiras da própria religião católica. Todos os cubanos veneram a Virgem independente de religião ou não. Até os que se dizem ateus têm uma devoção especial à Virgem. Este sentimento está entranhado na população, pois desde a independência do país, a

Virgem sempre esteve presente em todos os acontecimentos de Cuba.

Atualmente há uma certa liberdade religiosa, pois o governo permite o trabalho religioso junto às paróquias e igrejas. Mas há ainda muita restrição de evangelizar em público como é o caso das procissões e do uso dos meios de comunicação para evangelizar. A solução foi encontrada com as Casas de Oração em família, onde a casa é colocada à disposição da paróquia para encontros de oração e estudo da bíblia. “São pequenas comunidades de base que vão se espalhando pela paróquia e com resultados palpáveis”- disse Ir. Luziânia.

A atividade na paróquia é muito intensa. Sempre obedecendo ao carisma dos vicentinos, o trabalho evangélico é feito durante todo o dia, a começar pelo café da manhã aos anciãos. A cidade tem poucos jovens, pois todos querem sair do país

e ficam os mais idosos, muitas vezes desamparados pelas famílias. Há também almoço para senhoras junto à paróquia. “Aqui temos falta de médicos, pois os que existiam foram trabalhar fora do país, para serem melhor remunerados e também como meio de sustentar a família e restaurar as instalações das residências” explica a religiosa.

Aqui nossas alegrias são muitas, pois a todo momento deparamos com situações de abandono e de solidão de pessoas que necessitam de uma palavra de conforto e de atenção.

Por isso, nossa missão é partilhar a alegria do Reino, partilhar nossos serviços. Todos estão sedentos por uma palavra amiga que os conforte de suas grandes necessidades materiais e espirituais. O povo é sofrido e sua única esperança, se é que existe, é acreditar novamente no Cristo. Aqui temos poucas vocações religiosas e por isso necessitamos de pessoas religiosas que venham a Cuba e participem desta grande jornada de evangelização que a Igreja de Cuba está realizando.

As religiosas são sustentadas pela congregação, pois a ajuda do povo é quase nula. “Temos convênios com entidades estrangeiras que nos ajudam materialmente com o envio de alimentos, de roupas e de recursos para o sustento dos que trabalham pela Igreja”.

Aqui fica o convite para religiosas, sacerdotes e leigos que queiram se engajar na missão em Cuba, pois o campo é imenso e necessita-se de gente corajosa que enfrente as dificuldades do dia a dia, que vão desde a alimentação, até as limitações de trabalho.





## Primeiro mês do missionário Pe. Célo em Guiné Bissau

“Já faz mais de um mês que estou na Guiné Bissau. Cheguei no dia 12 de outubro. Na primeira semana tivemos um encontro com todos os padres do PIME, onde fui recebido com muito afeto pelos meus coirmãos. Ali foi decidido como será a minha estadia aqui nos primeiros seis meses: primeiro conhecerei as nossas missões e depois decidiremos onde trabalharei nos primeiros dois anos.

Inicialmente conhecerei a missão de Suzana, seguida de Bissau, Bubaque (ilhas Bijagós), Catió, São Domingos, terminando na missão de Tite. A pedido de alguns, escreverei para informar como foi a experiência em cada Missão. Hoje contarei como foram as três semanas que passei em Suzana, chegando no dia 20 de outubro. Lá encontrei padre Zé Fumagalli, missionário Italiano de 75 anos que está na Guiné há 45. Junto com ele está o padre Abraão, de 42 anos, guinense.

Aqui na Guiné, a língua oficial é o português mas poucos falam. Já o crioulo é a língua mais usada em quase todo o país, mas os habitantes de Suzana pertencem a etnia Felupe e todos falam o Felupe. Foi então que em Suzana aprendi uma coisa: a posição do missionário nos primeiros meses ou anos de missão é estar em silêncio e observar, ouvir, refletir para aprender.

Cheguei cheio de vontade de fazer acontecer, de comunicar-me e trabalhar, mas minha única função por enquanto é aquela de aprender.

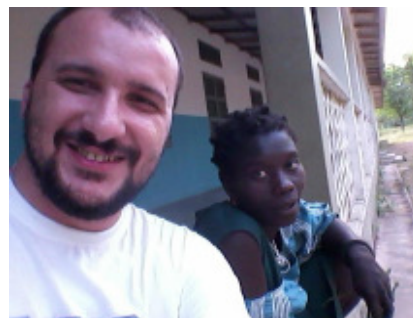
Tive a oportunidade de atender as confissões dos Felupes. Foi um verdadeiro sacrifício tanto para mim como para eles, pois com aqueles que falavam o crioulo, quando falavam pausadamente, alguma coisa eu conseguia entender; aqueles que não o falavam se esforçavam o máximo para falar o pouco de crioulo que conheciam e eu me esforçava ainda mais para entender. E tinha aqueles que falavam somente o felupe, aí eu dava a absolvição confiando na total misericórdia do Senhor.

Todos os dias, eu tinha aula de introdução ao crioulo com pe. Zé e de história da Guiné-Bissau. E o resto do dia estudava sozinho. Será assim nas outras missões onde estarei, sempre terá alguém que me ajudará a aprender o crioulo.

Na missão de Suzana, algo que me deu muita alegria foi conhecer a Senabu, uma senhora de aproximadamente quarenta anos que foi afetada por um tipo de doença mental e infelizmente, devido a este fato, os seus dois filhos pequenos tiveram que ir para o orfanato. Ela vinha quase todos os dias na missão, sempre alegre, gritando, tudo que encontrava na sua frente tirava do lugar, não parava um minuto e sempre conversava com ela mesma. Conviver com Senabu aqueles dias me fez refletir muito sobre a condição humana. A sua presença me trazia muita alegria e quando ela não vinha, eu sentia muito a sua falta. Não sei porque mas Senabu me aproximava de Jesus, ela me trazia Jesus.

Os padres de Suzana atendem outras quatro aldeias: Kassuló, Katon, Edjim e Elala. As duas primeiras são mais perto de Suzana, mesmo tendo es-

tradas em más condições se consegue chegar com o carro, mas as outras duas são mais longe e se chega somente com moto até um certo ponto e depois se deve prosseguir a pé. E chegar até ela é uma verdadeira aventura.



Junto com padre Abrão e Mateus, um jovem de Suzana, fui até essas duas aldeias. Tivemos que andar 10 km de mobilete em trilhas em meio a florestas, arrozais, mangues e com vários trechos de areia. Deixamos as mobiletes em Edjim e fizemos mais 5 km a pé, tendo que atravessar um rio com a ponte quebrada. Usamos uma canoa, e no outro lado, ficamos enlameados com barro. Quando chegamos a Elala, fomos nos lavar e celebrar a Missa. Depois da missa jantamos em modo africano, todos juntos no mesmo prato. Depois dormimos na igreja.

Às 6hs da manhã retornamos para Edjim, onde celebramos a missa e depois voltamos para Suzana repetindo a mesma aventura da ida. Fisicamente eu estava destruído, mas valeu e vale muito para mim.

Tenho muito que agradecer ao padre Zé Fumagalli, que apesar da idade avançada e de algumas limitações devido a isso, possui um espírito jovem e sabe fazer qualquer um que está ao seu redor se sentir muito à vontade. É um homem de oração, perseverante nos compromissos assumidos, é um empreendedor e sem contar a inteligência. Consegui traduzir em Felupe quase toda a bíblia, o lecionário e o missal, e fez um dicionário dessa língua. Ele também é um músico e compôs tantas músicas em Felupe que hoje o povo canta na igreja como se estivessem em um coral harmônico.

Agradeço também ao padre Abrão, um exemplo de humildade, homem de muito oração que me acolheu como um amigo. E a você que está lendo esse e-mail, pois tenho a certeza que é um daqueles que me sustenta com suas orações. Obrigado!!

Padre Célo Moreira PIME



Atravessando um rio

## Em Moçambique, um dia de alegria (Nihiku nohakalala olelo)

Desde Moçambique, a Ir. Davina Coelho, da congregação das irmãs missionárias capuchinhas, informa que o Centro de Promoção Humana “Santa Bakhita” de Namina, realizou o encerramento das atividades de um dos grupos que funciona nas suas dependências. É o grupo das jovens das artes manuais e que também faz parte do reforço escolar. Houve uma manhã alegre com brincadeiras e danças e até os meninos participaram, levados pela curiosidade.

No próximo ano, algumas entre elas já serão monitoras e poderão assumir novas turmas.

Nihiku nohakalala olelo!!! (hoje é dia de alegria!!!)



## Honduras realiza Encontro sobre Missão

“América missionária, partilha tua fé”, pós 4º Congresso Missionário Americano (CAM 4 - Comla 9) foi o tema de reflexão em Honduras, nos dias 17 a 21 de novembro. O objetivo da reunião foi avaliar o referido Congresso realizado há um ano em Maracaibo, Venezuela, como também, indicar pistas para a preparação do CAM 5 - Comla 10, marcado para acontecer na Bolívia em 2018.

Participaram do encontro cerca de 70 pessoas provenientes de vários países, de distintas entidades ligadas às Missões. Do Brasil estiveram presentes, dom Sergio Arthur Braschi e Irmã Dirce Gomes da Silva, pela Comissão Missionária da CNBB e padre Camilo Pulleti, diretor das POM.



A delegação brasileira

Entre as reflexões e encaminhamentos, foram assumidos três eixos com os meios concretos para concretizá-los: formação missionária, envio de missionários ad gentes e mobilidade humana.

### 1º Formação missionária

- Promover a formação missionária (ad gentes, ad intra e ad extra) em todos os níveis: bispos, sacerdotes, religiosos(as) e leigos.
- Motivar a inclusão da missiologia nos seminários e casas de formação.
- Criar ou potencializar, através das Comissões Episcopais Missionárias, no CELAM e nas POM, os Centros de Formação Missionária, nacionais ou continental.
- Criar uma comissão que favoreça a comunhão entre os centros de formação.

### 2º Envio de Missionários Ad Gentes (ad intra e ad extra)

- Criar e consolidar os Conselhos Missionários Nacionais.
- Estimular os projetos paroquiais e diocesanos de Igrejas-Irmãs.
- Promover o envio de missionários ad gentes, ten-

do em conta o processo de preparação, formação, envio, acolhida, acompanhamento e retorno.

- Estimular a consciência missionária tanto da comunidade que envia como daquela que recebe.
- Privilegiar a cooperação missionária com as Igrejas mais necessitadas do país, do Continente e do mundo, seja no envio de missionários, no apoio espiritual e recursos econômicos.

### 3º Mobilidade humana

- Dar atenção especial à Pastoral dos Migrantes, promovendo o dinamismo missionário entre eles tendo em conta as várias situações:
- Os que chegam de outros países, a pluri-religiosidade, o plurilinguismo e a secularidade.
- Inserção, acolhida, inculturação e acompanhamento.
- Preparar a comunidade local que recebem migrantes sobre o impacto da mobilidade humana.
- Fazer dos próprios migrantes protagonistas, destinatários, sujeitos e agentes da Evangelização .
- Suscitar as vocações missionárias entre os migrantes como fruto do encontro e do testemunho.